



É preciso resgatar a cultura do ouvir

MENEZES, José Eugênio de Oliveira. *Rádio e cidade: vínculos sonoros*. São Paulo: Annablume, 2007.

A obra *Rádio e cidade: vínculos sonoros* proporciona um profundo conhecimento do rádio como articulador de tempos individuais e tempos coletivos, contemplando os diversos fios de tempos e vozes que se misturam na vida de uma cidade. O autor procura compreender de que maneira as ondas veiculadas pelas emissoras de rádio permitem a sincronização dos ritmos nas grandes cidades.

Menezes é professor de Teoria da Comunicação e de Metodologia na Faculdade Cásper Líbero, atuando também no programa de pós-graduação e coordenando o Centro Interdisciplinar de Pesquisa (CIP). É um dos organizadores do livro *Os meios da incomunicação* (ANNABLUME, 2005) e tem vários artigos a respeito de comunicação, cultura do ouvir, jornalismo e teoria dos *media* publicados nas revistas *Communicare*, *Líbero* e *Ghrebh*. Citem-se, por exemplo, da revista *Communicare*, “Tambor tribal ou tendências do radiojornalismo” (v. 1, n. 1, 2001) e “Pensar não-midiaticamente” (v. 3, n. 1, 2003)

Em *Rádio e cidade*, José Eugênio aborda o rádio como ambiente de vinculação e propõe a reflexão a respeito da cultura do ouvir. Ele faz o mapeamento de um campo em construção, buscando formas de entender o rádio como um dos meios que possibilitam a sincronização das múltiplas atividades dos cidadãos nas sociedades complexas. Citando autores brasileiros e alguns estrangeiros, propõe a divisão nas seguintes áreas: rádio

e história, rádio e política, manuais radiofônicos, rádio e tecnologia e comunicação e cultura.

Uma das hipóteses do autor é que a complementaridade entre as mídias e a referência ao corpo possibilitam a emergência de novas perspectivas no estudo das teorias da comunicação. Os meios eletrônicos assumem seu papel de sincronizadores sociais, sendo os ouvintes chamados a acertar sua função dentro da cidade. Para que esta funcione, os sistemas comunicativos têm sempre uma função ordenadora, que implica a criação de ritmos, tendo o rádio, nesse campo, uma significativa função vinculadora. Logo na introdução o autor diz que durante as 24 horas do dia, as ondas das emissoras de rádio geram uma teia de vínculos que possibilita a organização da vida social nas metrópoles.

Além de propiciar uma complexa visão a respeito dos vínculos sonoros do rádio nas megalópoles, José Eugênio entra em questões de natureza histórica, destacando os autores Bertold Brecht, Walter Benjamin e Rudolf Arnheim por serem os pioneiros na elaboração das primeiras teorias sobre o rádio no momento em que as transmissões se consolidavam. Essas reflexões levaram o autor a questionar a atual participação das emissoras de rádio na articulação dos ritmos pessoais e coletivos nas grandes cidades, que é o tema central do livro.

Ainda sobre os ritmos do rádio e os ritmos da cidade, o autor salienta que o rádio, logo no começo de cada dia, possibilita a relação entre uma emissora e um grande número de radiouvintes, fazendo com que a primeira confirme e reforce a inclusão dos cidadãos em uma ordem simbólica. E conclui que o rádio não se limita a uma sincronização de atividades a serem desenvolvidas pelo conjunto das pessoas vinculadas a uma sociedade, mas que remete a um universo simbólico que trabalha com memórias e narrativas simbólicas que dão sentido ao tempo de cada dia.

Rádio e cidade chama a atenção para o fato de a sociedade, por estar imersa na cultura que privilegia a visão, tendo na televisão seu mais conhecido espaço de agenciamento de imagens, precisa ter cuidado para não esquecer a atual importância da radiodifusão na cultura do ouvir, ampliando o leque da sensorialidade, hoje limitado à visão. O autor destaca ainda que

os diversos meios de comunicação atuam de forma complementar na sincronização das atividades ou dos processos de vinculação dos habitantes das grandes cidades e que, nesse universo, o rádio tem seu lugar especial, podendo ser captado tanto por meio de ondas eletromagnéticas como por outros formatos tecnológicos de mídias sonoras.

José Eugênio atenta ainda para o fato de que na cultura do ouvir, diferentemente da cultura da visão, os cenários não estão prontos, as imagens não estão definidas, e, com isso, os sons provocam a criação de imagens mentais, geram imagens endógenas. E, citando Hans Belting, o autor conclui que estas últimas não precisam de suportes, estão presentes em nossa vida interior tanto quando estamos acordados, como quando estamos dormindo e sonhando.

Ainda sobre a cultura do ouvir, o autor define como trânsitos sonoros as múltiplas vozes que se cruzam, misturadas com os movimentos dos corpos e dos veículos, permeadas por imagens endógenas. Nesse processo, depois de alguns exemplos de reportagens radiofônicas, ele destaca as potencialidades do meio como espaço de expressão dos múltiplos tempos, vozes e paisagens sonoras. As reportagens especiais citadas no livro constituem uma amostra de como o meio rádio expressa trânsitos sonoros e participa das tramas que tecem os vínculos nas sociedades complexas.

Rádio e cidade representa um vasto caminho trilhado. Percebe-se uma preocupação central do autor em questionar se o rádio seria apenas um meio de comunicação, um canal entre emissora e receptores. Diante disso ele recupera a noção de mestiçagem, no sentido de que o rádio seria antes uma mistura, um espaço para a expressão da mestiçagem de vozes. Por fim, o autor defende que as programações radiofônicas, ouvidas dentro desse ambiente mestiço, em fluxos contínuos de tempos e paisagens sonoras, devem ser ouvidas a contrapelo, não-midiaticamente. Ou seja, as informações precisam ser filtradas, interligadas com outras emoções, experiências e histórias dos ouvintes. E é nesse sentido que pedem uma audição criativa que enseja a necessidade de se ouvir e pensar não-midiaticamente.

Mariana Lima Sousa Canamary

Jornalista, mestranda em Comunicação Social na
Universidade Metodista de São Paulo.